

ALÍPIO GAMA

QUANDO se organizou, sob a chefia do diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, L. CRULS, a comissão incumbida de escolher, no Planalto Central, área destinada à futura capital da República, entre os auxiliares nomeados figurou o nome de ALÍPIO GAMA, então primeiro tenente, cuja carreira militar se iniciara sob os mais promissores auspícios.

Antes de completar a maioridade, matriculou-se no curso preparatório da Escola Militar do Rio Grande do Sul.

Alferees aluno, em 1866 concluiu o curso de artilharia, sem nota alguma inferior ao grau nove, exceção na série de distinções, que lhe comprovavam a inteligência peregrina e o amor aos estudos.

Após exames especiais de ótica, noções de cálculo e meteorologia, acústica e química orgânica, tornou-se preparador do Gabinete de Física e Química, até ingressar na Escola Superior de Guerra, cujo curso terminou em dezembro de 1891, com altas classificações, que lhe valeram o grau de bacharel em ciências físicas e matemáticas.

Transferido, após breve estágio na E. F. Central do Brasil, para o Corpo do Estado Maior de primeira classe, não lhe tardou a nomeação de coadjuvante de ensino da Escola Superior de Guerra, nas cadeiras de Astronomia e Geodésia.

Conhecia-lhes de sobejo a teoria, que lhe permitiu encarregar-se, em companhia de HENRIQUE MORIZE, da execução de trabalhos astronômicos e topográficos ultimados com segura pericia, apesar do acidente, de cujas malignas conseqüências a custo logrou salvar-se.

Certo dia, ao recolher o instrumento com o qual observava, não percebeu rápido hote de jararacuçu, uma de cujas presas lhe ficou perigosamente cravada na mão.

A prova a que foi, então, submetida a sua resistência orgânica, prolongou-se por meses, durante os quais não lhe eram favoráveis os prognósticos.

Por fim, restabelecido, tornou ao magistério na Escola Militar do Brasil, feito professor de Física, além das matérias lecionadas anteriormente, em cujo ensino evidenciou a amplitude de sua cultura científica e acentuada vocação pedagógica.

O renome conquistado entre os doutos levou o barão do Rio Branco a instar-lhe pelo concurso na Comissão de Limites com a República Argentina, em que permaneceu por fecundo quadriênio, findo o qual não se afastou definitivamente do Ministério das Relações Exteriores, onde continuava a ser aproveitada a sua competência profissional em várias incumbências. Entre as demais sobrelevou o estudo e escolha de documentos cartográficos necessários à organização das fronteiras do Brasil.

Contemporaneamente realizou proveitosa viagem de estudos no litoral, entre Santa Cruz e Angra dos Reis, que lhe proporcionou ensejo de apresentar o levantamento expedito então ultimado.

Como se lhe firmara a autoridade indiscutível de sagaz demarcador, confiou-lhe o Estado de Mato Grosso a missão de assinalar no terreno o traço do paralelo de 8° 48', que sentença do Supremo Tribunal Federal fixara para linha divisória com o Estado do Amazonas.

Fácil na aparência, a tarefa complicava-se em conseqüência das particularidades regionais.

A linha deveria seguir da margem direita do rio Madeira para leste, em meio da floresta espessa, que os próprios seringueiros só devassavam ao longo dos cursos d'água. Não penetravam pelos divisores, que permaneciam praticamente ignorados e inacessíveis.

A operação consistiria, portanto, em determinar o primeiro ponto de intersecção, mais ocidental, à beira d'água, e por meio de transportes expeditos de coordenadas, assinalar igual latitude no Jamari, no Gi-Paraná, que então constituíam faixas de atração econômica.

Não havia necessidade maior de varar a mata, nem seria tarefa possível, dentro do orçamento estadual.

Ainda assim, pelas imediações, cumpria abrir clareira que permitisse observação cuidadosa, para o cálculo do local exato de implantação do marco respectivo.

A derrubada naquelas paragens afigura-se corvéia sobre-humana, à vista da imponência do arvoredo, cuja altura e entrelaçamento de copas exige corte amplo, que permita a instalação de observatório, ainda que improvisado, para as operações confirmativas do caminhamento auxiliar, em que era usada a bússola.

Para levar em conta a variação da agulha, determinou, em cada estação, a declinação magnética de que necessitava para suas correções.

E ao cabo, confrontando os resultados, verificou que os decorrentes de observações diretas, como obtivera, "estão de pleno acôrdo com a lei teórica da variação provável da declinação magnética na América".

E como as operações estenderam-se aproximadamente pelo mesmo paralelo, as "estações tôdas escolhidas, especialmente a do Primor, foram estabelecidas em condições muito favoráveis, quanto à sua posição geográfica, para conclusões seguras".

"Os nossos resultados, adiantou, confirmam plenamente a suposta lei de variação em função da longitude, ou a distribuição provável da declinação magnética (afora as anomalias locais) na América, apresentada pelo professor NEWMAYER".

Era, porém, penoso o trabalho naquelas paragens em que o impaldismo se mostrou avassalador, como verificou pessoalmente, ao sofrer-lhe os assaltos malignos, que o forçaram a deixar o cenário de seus trabalhos demarcatórios, onde lhe cumpria, ao mesmo tempo, examinar as condições particulares dos rios, como lhe determinara especial recomendação do Estado Maior do Exército.

Derreado pela malária, como sucedeu igualmente à maioria dos seus auxiliares, afastou-se da Comissão, que lhe proporcionou ensejo de revelar aptidões de geógrafo, ao determinar os primeiros cruzamentos do paralelo extremenho, e ultimar os trabalhos "desde Santo Antônio, rios Candeias e Jamari, Primor e foz do Machado" a que se referiu em carta de 31 de agosto de 1911.

Já por essa época, além dos trabalhos profissionais, andava o douto professor da mocidade militar cogitando de problema, que se lhe deparou, em pesquisas atinentes às "explorações geográficas feitas no interior do nosso país".

Entre as fontes de informações fidedignas, recorreu ao Instituto Histórico, onde "consultando então com esse fim os seus anais, encontrei uma tese que havia sido por ele proposta antes do ano de 1850".

"Quais as tradições ou vestígios geológicos que nos levem à certeza de ter havido terremotos no Brasil?"

Explanou-o a preceito o futuro barão de Capanema, em trabalho que mais de meio século avelhantara.

Nesse interregno, HARTT e DERBY vieram ao Brasil, para lhe estudar a geologia, em que foram seguidos por naturalistas de vária procedência.

Verificaram a existência de rochas vulcânicas em mais de uma região, tanto em Fernão de Noronha e Trindade, como em Caldas, Tinguá e alhures.

O episódio aguçou a curiosidade científica do pesquisador, que retomou o tema, para desenvolver de acôrdo com os dados de investigações mais recentes.

E apenas ultimou a memória respectiva, apressou-se em apresentá-la ao Primeiro Congresso de Geografia, reunido na capital do Brasil, a 7 de setembro de 1909.

Dividiu-a em duas partes: Estudo comparativo das principais hipóteses sobre a causa dos fenômenos vulcânicos em geral e Erupções vulcânicas no Brasil, para compendiar quanto se referisse ao assunto.

Na primeira, abriu capítulo para explanações acôrda da "Circulação aquosa na Natureza — Discussão geral das principais hipóteses sobre a causa dos fenômenos vulcânicos — Principais feitos das erupções vulcânicas — Terremotos — Causa provável dos fenômenos vulcânicos — A este respeito, conceituou:

"A atividade vulcânica, pois, se manifesta independentemente das latitudes e dos climas, e a causa geral dos fenômenos vulcânicos atua em todo o planeta.

Sem se poder descer a detalhes explicando como deverá essa causa geral atuar, e muito menos podendo acompanhar, os fatos desde sua origem, porque isto seria pretender ir além dos recursos atuais da ciência, é bem provável que não se erre ligando-a à existência do núcleo central em estado de fusão ígnea e às conseqüentes contrações de nosso globo e movimentos de sua crosta sólida".

Assim lobrigava a substituição das hipóteses anteriores pela que deveria melhormente explicar os fenômenos examinados.

A segunda parte proporcionou-lhe ensejo de tratar de "Tremores de terra no Brasil e sua origem provável — Provas da antiguidade vulcânica manifestada no Brasil — A atividade vulcânica poderá voltar a manifestar-se em qualquer região em que já uma vez se manifestou — Condições atuais do Brasil relativamente às manifestações vulcânicas".

"É nosso país de descoberta ainda muito recente, concluiu; e, se a extinção de nossos vulcões parece, de fato, muito anterior à época desta descoberta, contudo se reconhece à simples leitura das teorias aqui expostas e dos fatos de observação citados não ser absolutamente impossível despertar qualquer deles de seu sono secular.

"Já se viu como despertou o Fusi-Yama passados 500 anos de completo repouso; como despertou o vulcão de Yschia após 1 300 anos de extinção; como surgiu o Jarulo na planície de Las Playas donde parecia se ter retirado para sempre a atividade vulcânica; finalmente, como despertou o Vesúvio em 79, data em que já se havia perdido nas brumas do passado a memória de suas erupções anteriores".

"E se poderá agora, sabido que o Brasil foi descoberto apenas em 1 500, julgar impossível o despertar de um novo Vesúvio americano?"

"A atividade vulcânica é suposta extinta em tal ou qual região simplesmente porque deixou, e tem deixado, de manifestar-se aí por um período de tempo assaz, e suficientemente, longo para que já possa ser assim relativamente considerada".

"Por mais antiga que seja a retirada da atividade vulcânica de uma região em que já uma vez se manifestou, jamais se poderá afirmar que tal atividade aí não possa de novo voltar".

Assim terminou, com expressões de dúvida desalentadora, o ensaio que ofereceu, em volume de 232 páginas, editado pela Imprensa Militar, ao Instituto Histórico, onde mereceu gabos da Comissão incumbida de aquilatar-lhe a valia científica.

"A colheita e registo dos dados acessíveis, relativos a estes fenômenos, afirmava o parecer, datado de 22 de junho de 1911, de que foi O. DERBY o relator, constituem uma contribuição de valor à história e à geografia do Brasil e como tal, o livro do Dr. ALÍPIO GAMA merece simpático acolhimento por parte do Instituto Histórico".

De maneira análoga, conceituaria a Revista, pela pena do seu redator.

"A impressão que nos causou a leitura desse trabalho é, portanto, a de grande admiração pelo seu autor", que revelou profundo conhecimento de tudo quanto se prende ao estudo dos fenômenos vulcânicos".

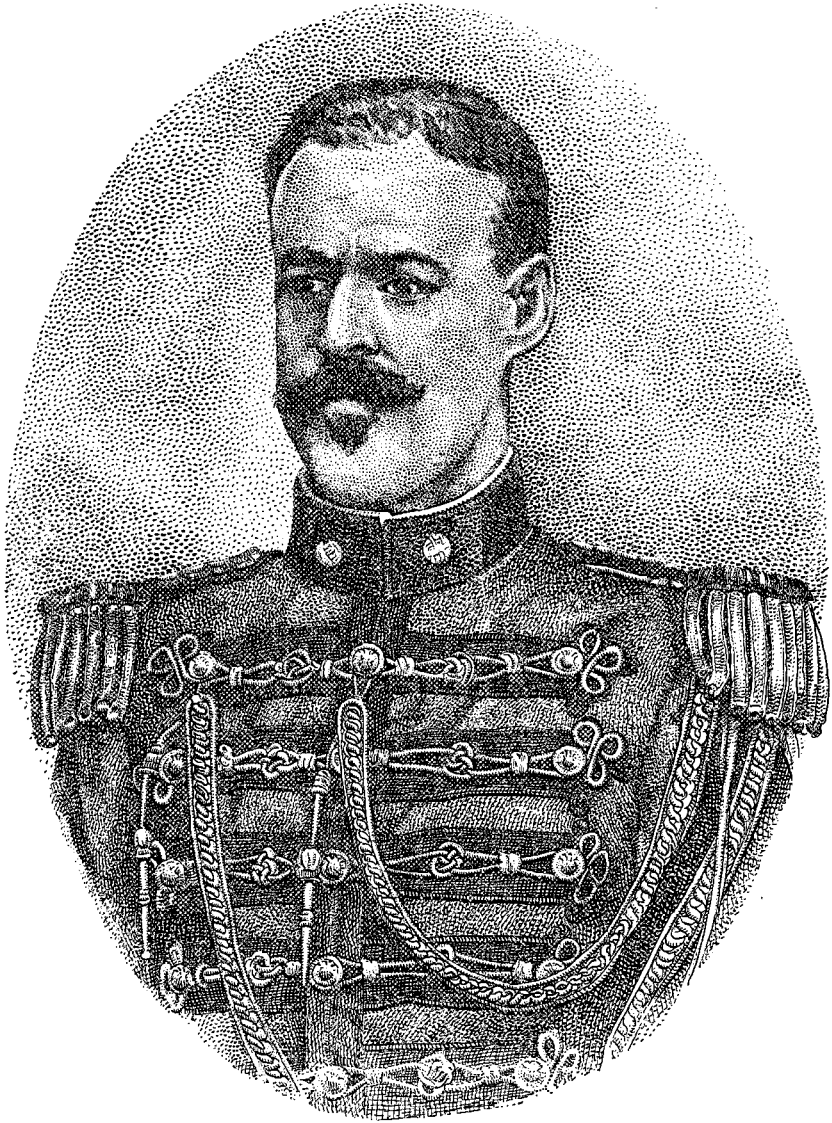
Aplaudido pelo Congresso de Geografia e pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em breve lhe ingressou no quadro de sócios correspondentes, desde 15 de julho seguinte.

As atividades militares, porém, solicitaram-lhe a atenção, até que o alcançasse a reforma, no posto de general de divisão, em maio de 1923.

Não consta que depois empreendesse novos trabalhos, além da revisão dos que havia elaborado.

O impaldismo, que no vale do Madeira lhe invadira o organismo, de quando em quando manifestava sinais de não o ter deixado completamente, como provou no derradeiro acesso, que o fulminou a 21 de dezembro de 1935, na idade de 72 anos, pois nascera a 5 de outubro de 1863 no Rio Grande do Sul.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



Alipio Carra